



UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA
AFRO-BRASILEIRA
UNILAB

INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO EM HUMANIDADES

CALADO SANHÁ

IDENTIDADE ÉTNICA E ESTIGMA EM GUINÉ-BISSAU: O CASO DOS
BALANTAS

Acarape-CE
2023

CALADO SANHÁ

IDENTIDADE ÉTNICA E ESTIGMA EM GUINÉ-BISSAU: O CASO DOS
BALANTAS

Projeto de Pesquisa apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Humanidades, na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB – Campus Ceará.

Orientadora: Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes

Acarape-CE
2023

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a. Carla Susana Alem Abrantes (Orientadora/IH UNILAB)

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

Prof.^o Dr. Luís Tomas Domingos (Examinador/IH UNILAB)

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

Prof.^a Mestre Peti Mama Gomes (Examinadora/IH UNILAB)

Universidade Da Integração Internacional Da Lusofonia Afro-Brasileira, UNILAB

Prof. Mestre Antônio Gislailson Delfino Da Silva (Examinador Externo/ISCTE-IUL)

Instituto Universitário De Lisboa

AGRADECIMENTO

Começo agradecendo a Deus por ter me dado pais tão maravilhosos e a oportunidade de viver junto a eles nesse mundo. E por eles terem me dado a coragem e a vontade de estudar desde criança até a presente data. Hoje estou aqui graças a eles, pois, se não tivesse escutado os conselhos deles, provavelmente não estaria onde estou hoje. A minha mãe sempre me dizia “juízo sempre”. Até hoje ela ainda fala isso pra mim e essa é a uma das coisas que nunca vai desaparecer da minha cabeça. Por isso, agradeço de coração por tudo que eles fizeram por mim. E agradecendo também a Deus pai, por ter me dado vida e saúde, e por estar sempre comigo neste mundo dos “seres”.

Por outro lado, reconheço as minhas famílias por tudo que fizeram, particularmente, por meus irmãos/as pela coragem e forças que me deram. Aprendi muitas coisas com eles/as que nem posso imaginar. Mesmo com as nossas diferenças de idade, sempre estamos juntos. Eterna gratidão para todos/as.

Aproveito também para reconhecer minhas amigas/os, que sempre estão presentes perto de mim. Estou grato a tudo que ela/es tenham feito, pois, aqui são eles a minha família.

Por fim, agradeço à minha orientadora, Profa. Dra. Carla Susana Alem Abrantes pela sua competência, paciência, sinceridade e estímulo mostrados a mim durante a realização deste trabalho. Sempre serei grato.

RESUMO

Este trabalho trata do estigma em relação à identidade étnica. O projeto aborda a etnia Balanta da Guiné-Bissau com o objetivo de analisar e procurar entender o motivo de constrangimentos em relação à identidade étnica de uma pessoa Balanta. Este povo tem suas características artísticas/culturais, seus valores e conhecimentos que são parte integrante da identidade nacional guineense. A partir de uma pesquisa inicial, que dá corpo ao projeto, nota-se que os sentimentos de medo, vergonha e constrangimento ligados à identificação étnica estão relacionados a certas óticas generalizadas sobre os Balanta permeadas por afirmações negativas e distantes da realidade. A metodologia a ser utilizada é de abordagem qualitativa fundamentada em revisão bibliográfica e a pesquisa de campo dirigida aos indivíduos da etnia Balanta (brassé/brassá) na Unilab e na capital da Guiné-Bissau.

Palavra chaves: Balanta; etnia; identidade; estigma.

RESUMI

Ê tarbadju sirbi pa trata kompleksu ku quintis tene sobri sê propi identidadi etniku. Prujetu en si uza ramifikason di kultura guinensi atraves di pirspetiva Balanta ku objetivu di tenta analizi ku pirsibi kê ku sta pur ditras dê kompleksu di infirioridadi di Balantas na identifika ku sê propi etnia. Karakteristikas di povu Balanta, kultura Balanta, muzikas ku utrus instrumentus di spreson kultural Balanta ta fasi parti di kultura makru di nô tera, Kultura guinensi i rizultadu di sumatoriu di tudu etnias ku ta kontribui pa muzaiku etno-kultural guinensi. Na manga di kazu, konxienti ou inkonxientimenti, quintis ta dimonstra afirmansons nigativu sobri sê propi Balantandadi. Ê prujetu bazia na mitulujja di abordajen kualitativu nundê ki foka subritudu na analiza manga di livrus, artigus akademikus, i piskiza ku na bin fasidu pa Balantas (Brassé/Brassá) sobri sê propi kabesa.

Palabra xavis: Balanta, etnia, identidadi, marka.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS BALANTAS	10
1.2 ETNIA BALANTA	13
2. PROBLEMÁTICA	17
3. JUSTIFICATIVA	18
4. HIPÓTESES	18
5. OBJETIVO GERAL	19
5.1. Objetivos específicos	19
6. REFERENCIAL TEÓRICO	19
6.1. Conceito de etnia (Identidade Étnica)	19
6.2. Estigmas e Traumas	22
6.3. Relevância de Atribuição dos Nomes ou Sobrenomes étnicos na etnia Balanta.....	24
7. METODOLOGIA	26
8. REFERENCIAL	28

1. INTRODUÇÃO

A etnia Balanta localiza-se na Guiné-Bissau e representa cerca de 22% da população. Assim sendo, essa é uma das etnias mais numerosas no país. Os Balantas são vistos geralmente no norte e no sul do país, especificamente nas regiões de Oio, Quinara e Tombali, assim como na capital do país (SUMA, 2018), conforme caracterizaremos na seção a seguir.

O nome Balanta foi dado, no passado, por uma das etnias do país denominada Mandinga, de modo que essa etnia caracterizou os Balantas como “rebeldes”. Os Balantas atribuem a si mesmos a denominação de *Brassa* que tem sua origem na língua Balanta, diferenciando-se assim das outras etnias no país. Abordaremos, no decorrer do texto, esse tema oferecendo um maior desenvolvimento e propondo um projeto de investigação a partir dele.

O centro deste estudo está nos Balanta, que também podem ser entendidos a partir de suas características artísticas/culturais, dos seus valores e conhecimentos que são partes constitutivas da identidade nacional na Guiné-Bissau. Politicamente, eles têm suas organizações políticas horizontais, ou seja, a etnia Balanta não tem um único chefe detentor do poder, pois a decisão é tomada em coletividade com sua forma própria de se organizar. Isso nos distingue de outras etnias, como no caso do Fula que têm suas organizações políticas constituídas verticalmente. Como é uma etnia com um sistema político horizontal, a questão de gênero nessa coletividade tem sua relevância também no que diz respeito às relações hierárquicas dos Balantas. No caso, não só os homens podem tomar decisões, mas também as mulheres participam na tomada de decisão. Por outro lado, a etnia Balanta tem seu sistema familiar alargado, pois, os laços de parentesco para eles são de extrema importância. É por esse motivo que localizam-se, em uma *tabanca*¹, os membros da mesma geração. E ainda dentro de uma *morança*² encontram-se famílias com os mesmos sobrenomes étnicos.

Partimos desse cenário social para formular a problematização da pesquisa com o foco do **estigma** dirigido a alguém por ser Balanta, o que se refere à questão étnica e à percepção da própria identidade na etnia Balanta. Deste modo, elaboramos

¹ Conjunto das moranças formam uma *tabanca*.

² Conjunto das casas formam uma *morança*.

uma questão central que ajudará na compreensão dessa experiência: 1- o que leva ao ou porque se dá o constrangimento/vergonha de revelar sua própria identidade étnica entre os Balanta?

Como membro dessa etnia, eu decidi trazer essa questão porquê é de grande relevância para a sociedade. Muitas vezes, vivenciei essa experiência sem saber o que provocava esse sentimento. Por isso, o tema despertou muito a minha atenção. Posso dar o exemplo onde muitas pessoas falam que a etnia Balanta vai “destruir o país”. Outros dizem que a cultura da etnia Balanta é “roubar dos outros”. Até mesmo aqui dentro da Unilab, já discuti muito sobre isso na turma com colegas de outras etnias, perguntando a eles “será que vocês param um minuto para pensar o que está por trás do roubo de que tanto falam?” Outro ponto importante é que muitas pessoas questionam meu nome “Calado”. Eles sempre perguntam se meu pai não teria tido outro nome para colocar. Até aqui na Unilab acontece isso. Deste modo, questiono novamente, o que essas pessoas entendem por **nome pessoal**?

Estas questões são pontos de partida para a temática que ainda está em desenvolvimento. Espera-se, futuramente, que o presente projeto auxilie de maneira concisa para despertar a consciência desses indivíduos que sentem constrangimento ao se identificar como membros dessa etnia. Assim, o estudo pode, ainda, auxiliar as pessoas para que não sintam vergonha de assumir a sua própria identidade.

O que leva os indivíduos dessa etnia a sentir vergonha/constrangimento de assumir sua própria identidade étnica? Esta pergunta nos leva a analisar e (procurar entender) 1) o motivo que deixa as pessoas com vergonha de mostrar sua própria identidade étnica Balanta; 2) o porquê desse estigma no que se refere a identidade étnica na coletividade *brassa*; 3) quais são as opiniões das pessoas no que diz respeito ao estigma e possíveis soluções que ajudarão na resolução desse fenômeno social e cultural; por último 4) qual seria a importância da atribuição dos nomes e sobrenome étnicos na etnia Balanta.

Para desenvolver este trabalho, trouxemos de forma explícita alguns autores que abordaram o conceito de “etnia” (identidade étnica). Entre eles, os mais destacados no decorrer do texto são Cuche (2002), Amselle (2014), Poutignat, (1998) Silva (2022). Estes autores discutem sobre esses conceitos mostrando a diferenciação em algumas pessoas ou coletividades e como aceitam ou negam suas identidades. Por outro lado, trouxemos também referências para pensar a partir do “estigma” e “trauma” de forma a debater a relevância da nossa fundamentação teórica

e aprofundar a questão do constrangimento. Entre os autores para este tema estão Domingos (2017) e CÁ (2000). Estes autores vão aprofundar, de maneira contundente, como o processo da colonização interfere no presente tema a ser discutido neste projeto. A partir dessa literatura e para a elaboração do presente trabalho, o método usado é de abordagem qualitativa com fundamento na revisão bibliográfica, e futuramente uma pesquisa de campo dentro da Unilab a partir dos indivíduos da etnia Balanta (*brassé/brassá*) e que, com avanço do presente projeto, se estenderá a pessoas que vivem na capital do país.

1.1 CARACTERIZAÇÃO DOS BALANTAS

A etnia Balanta-Brassá se refere a um grupo étnico espalhado por todo território nacional conhecido como Guiné-Bissau que se posiciona na costa ocidental da África. O país faz fronteira sul/leste com países vizinhos, entre eles, no sul fica a República da Guiné-Conacry e no norte, o Senegal. No entanto, a etnia Balanta espalha-se tanto no interior, como na capital do país. De acordo com Fernando Siga (2015), os relatos dos ancestrais ressaltaram que a etnia Balanta chegou à Guiné-Bissau pela emigração vinda do Egito, Etiópia e Sudão, nos séculos X e XIV, mas só se deslocou pelos territórios no século XIX. Eles procuraram fugir dos inimigos de outros reinos. Vale salientar que não se trata só de fugir dos inimigos, mas também procurar espaços para cultivos e lugares apropriados para criação dos animais e buscar novos territórios ou terras para povoar. Ainda para o autor, esse mesmo povo se encontra quase por todas regiões do país. Além disso, esse é um povo que gosta de praticar agricultura e pesca e são conhecidos como a etnia que mais cria gados e porcos no país.

De acordo com Domingas Silva (2022), a sua distribuição em porcentagens é a seguinte:

[dentro da] capital são os Balantas, com 19.8%, [...]; Na região de Biombo, os Papéis ocupam a primeira posição: 72%, seguidos pelos Balantas, 19.8%. Na região de Cacheu os primeiros são Manjacos: 41,7%, seguidos pelos Balantas: 26,7%, [...]; Na região de Oio, os Balantas ocupam o primeiro lugar: 48%, [...]; Na região de Quinara, apesar de ser o território dos Beafadas, 29,2%, os grupos étnicos mais numerosos nela são os Balantas 41,2%, [...]; na região de Tombali, os Balantas ganham predominância: 48,7%, embora a história do povoamento desta região confira a este grupo o estatuto de imigrante, em busca de terra fértil para cultivo. [...] SILVA (2022, p. 19-20).

Com isso, podemos dizer que esse povo se alastra pelas regiões do país em busca da melhor condição de vida, como exemplo: pesca, cuidar dos gados, terras

boas para lavoura e não só, como também território para habitar, etc. Desse modo, esse deslocamento em busca das melhores condições de vida pode também ser entendido com uma forma de preservar suas identidades e heranças étnicas.

Figura 1: Mapa da Guiné-Bissau



Fonte: Map Sofworld

O território guineense contém superfície total de 36.125 km² e ainda possui uma população de aproximadamente 2 milhões de habitantes (SEIDE, 2017). Além da sua área territorial, o país é formado ainda por suas ilhas que integram os arquipélagos de Bijagós, constituídos por mais de 80 ilhas e separadas por toda parte das regiões, incluindo 37 setores contando com setor autônomo de Bissau, Capital. Essas regiões são designadas como Bafatá, Gabú, Bolama/Bijago, Cacheu, Biombo, Oio, Quinará e Tombali além de Setor Autônomo de Bissau (SAB), onde se concentra o poder administrativo do país (SEIDE, 2017).

Figura 2: Mapa regional



Fonte: Guiné-Bissau – Wikipédia, a enciclopédia livre

Na Guiné-Bissau, existem mais de 20 grupos étnicos que compõem a identidade cultural do povo guineense. Cada um desses grupos tem a sua própria língua, o que leva o crioulo a ser considerado uma língua da unidade nacional³. Este projeto focaliza apenas na etnia Balanta, com intuito de propor uma investigação que mostre caminhos para se analisar e (procurar entender) os estigmas vinculados à identidade étnica⁴.

Segundo Seide (2017), apesar de ser um país pequeno, contém muitas variedades culturais expressas por diferentes grupos étnicos. Entre essas coletividades estão Papel, Mandjaco, Mancanha, Mandinga, Fula, Biafada, Bijagó, Felupe, incluindo a etnia Balanta, etc. Vale ressaltar também que em diversas etnias na Guiné-Bissau, algumas estão desaparecendo ou melhor estão sendo absorvidas por outras etnias, como no caso dos Padjadincas. Os representantes deste grupo já não estão sendo vistos no país, pois eles se consideram ou se representam como Mandinga ou Fulas, em especial no que tange a religião que todos seguem, que é Islão. Esses grupos agora se encontram dentro dos outros⁵.

³ É por esse motivo que optamos por escolher como segunda língua deste trabalho o crioulo, conforme consta no resumo do projeto ao início do texto.

⁴ Em se tratando de um projeto, optamos por aprofundar primeiramente questões relacionadas à etnia Balanta, embora entendamos que as identidades étnicas são construídas em relação umas com as outras, como veremos na parte da revisão bibliográfica.

⁵ Essa integração no interior de outros grupos nos leva a perceber a transformação em grupos que são maioria e outros minoria, o que explicaremos no decorrer da pesquisa, futuramente. A questão relacionada à minoria ou maioria tem relação com as formas de organização e relacionamento entre etnias no contexto de um Estado-Nação.

O país conta com mais de 20 línguas nacionais expressas por grupos étnicos e sua variação linguística, mas considera o crioulo como a língua nacional e conta com a língua portuguesa como a língua oficial da nação. Como explanou Silva:

A língua crioula da Guiné-Bissau nasceu num contato comercial e político entre os portugueses e os grupos étnicos na costa da Guiné no período da expansão do colonialismo europeu; vale frisar que, no período antes da chegada dos portugueses, a organização étnica, na costa da Guiné, possuía uma comunicação multilíngue, uma vez que, na tentativa de compreensão entre as línguas étnicas e o português, surgiu a língua crioula. Crioulo é uma língua mestiça com o português, que, hoje em dia, é falado pela maioria dos habitantes da Guiné-Bissau. (SILVA, 2022, P. 23)

Segundo Silva (2022), os grupos étnicos na Guiné-Bissau estão por todas as regiões do país. O país é povoado por características de origem étnica, cultural e religiosa. É uma das marcas do país a ideia de ser ocupado por diferentes etnias, e a percepção que temos é que isso nunca interfere na convivência dessas coletividades em um mesmo lugar. Na parte conceitual, trataremos sobre a questão das etnias como um conceito.

1.2. ETNIA BALANTA

Conceito de etnia

O nome Balanta significa os que “refutam” como colocou (INTIPE, 2017⁶). Esse nome surgiu através da rebeldia que os Balantas mostraram. O nome foi dado por mandingas (*bmindes*) em meados do século XV. Assim, as características principais que os caracterizam são a valentia e coragem. O nome Balanta surgiu a partir desses descritores, que na linguagem mandinga é percebido como resistência e bravura. Nesse sentido, vamos à análise linguística proposta pelo Padre Salvatore Cammilleri⁷ (2010, P. 15):

O termo “Balanta” em língua “mandingo” exprime-se com: ebalanta. Decompondo este vocábulo obtém-se: E (eles), - bala (negar), - nta (morfena

⁶ Bernardo Alexandre Intipe, foi estudante de Letras e Língua Portuguesa pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) Campus dos Malês 2014-2018.

⁷ Padre Salvatore Cammilleri é um missionário do PIME (Pontifício Instituto para as Missões Estrangeiras) fundado em Itália no ano 1850. Ele nasceu em Sicília em 1939. Com seus 29 anos foi o território da Guiné-Bissau em plena guerra colonial e a igreja católica. Na época, a relação de alguns missionários não era muito boa com as autoridades portuguesa da Guiné. Com isso, o autor em 1973 teve problemas com autoridades militares locais, o que resultaria na sua expulsão do território por ordem de Spínola. Em 1975 depois da independência, ele regressou à Guiné-Bissau com 36 anos com objetivo de tornar-se “etnólogo”, e começou a dedicar mais tempo ao estudo da cultura dos Balantas, grupo étnico com o qual mais conviveu e trabalhou em Tite, na região de Quínara. Antônio Sebastião Ribeiro de Spínola foi um militar e político português, décimo quarto presidente da República Portuguesa e o primeiro após o 25 de Abril de 1974.

repetitivo) = eles continuam a negar, a recusar, a revoltar; logo os rebeldes, os indomáveis e os refractários.

Vale lembrar que o nome dado por outra etnia não significa que esse povo seja tudo que está colocado na citação acima, pois, o que outros lhe colocam como definição há muito tempo não quer dizer que isso ainda continue a acontecer. Por outro lado, Cammilleri salientou que:

O nome com que é definido um povo é muito importante porque exprime uma forma de comportamento e uma forma de relação na aproximação com outros povos diferentes e que normalmente se conclui com juízo de valor. Nomear quer dizer julgar, classificar e definir. Um nome que um povo dá a si mesmo por vezes pode ser diferente daquele que outro povo lhe dá. Que é chamado “Balanta” pelos outros e “Brasa” por si mesmo. (CAMMILLERI, 2010, P. 14)

De acordo com a escrita desse missionário, percebe-se que a importância do nome estabelecido por um povo dirigido a outro testemunha o valor da forma de comportamento que se dá e se constrói na relação com outros povos. Mas dar nome a si mesmo, de certa forma, permite ir desconstruindo o que outro lhe colocou. Como no caso da imagem de “rebeldia” que os mandingas colocam para os Balantas, essa imagem tem uma longa e antiga história.

Sob outra perspectiva, se pensarmos em uma nomenclatura da identidade a partir do próprio grupo – e não de um grupo externo – sua identificação é feita a partir das palavras *brassé/brassá*, que remete à sua língua materna. Como frisou Landerset (1935 *apud* SUMA⁸, 2018), os representantes do grupo colocaram o próprio nome de *brassé/brassá* que vem provavelmente de povo etíope no Oeste com domínio de caráter e as linguagens dos grupos semi-bantu, considerados como tendo uma linguagem com categorias primitivas⁹. De acordo com Intipe (2017), dentro da etnia Balanta, ainda se encontram duas extensas ligações que podemos chamar de *Kuntoe* e *Nhacra*, que podemos considerar como linhagens dentro do grupo maior. Para deixar ainda mais explícita essa ligação, encontram-se outros ramos conhecidos como Balanta Patch e Balanta Nagha, etc.

⁸ Paulo Nando Suma é Bacharel Interdisciplinar em Humanidades (2018) e Licenciado em Ciências Sociais (2022) pela UNILAB. Mestrado acadêmico em Ciência Política na UFPE - universidade federal de Pernambuco (2023). Doutorando em Ciência Política na Unicamp. Pesquisador bolsista da FAPESB, no projeto: Um Contraponto de mangue: territórios pesqueiros, petróleo, monocultura e racismo ambiental no recôncavo da Bahia entre outubro de 2018 a agosto de 2019. Pesquisador bolsista de PIBIC/CNPQ no projeto: Psicologia africana e afro-diaspórica: epistemologias para currículo decolonial entre outubro 2019 a setembro de 2020.

⁹ O termo hoje em dia é considerado pejorativo, a partir da ideia do evolucionismo, séc. XIX e XX. Um estudo mais aprofundado permitiria ver quais as características das línguas semi-bantu e como se relacionariam com a história do grupo *brassá/bressé*.

A etnia Balanta, diferenciada das outras etnias presentes no país, é vista como uma etnia que expõe sua organização social política horizontal. Em outras palavras, a etnia Balanta não dispõe de um líder que governa todo o poder na sociedade. Ainda nas comunidades Balanta, não existe um único chefe hierárquico detentor das regras de funcionamento da sociedade (SEIDE, 2017), como adiantamos na introdução.

Como colocou Cammilleri (2010, P. 35-36): “O sistema político Balanta não é baseado numa autoridade centralizada, representada por um rei ou régulo, mas é representada e executada por um colégio e participado por todos os chefes da família residente na aldeia”.

Nesse mesmo contexto, a etnia Balanta não tem um sistema político vertical como outras etnias no país, por isso não tem um único chefe a tomar a decisão, mas sim tem a participação dos chefes de cada família na comunidade para a tomada da decisão. Em outras palavras, a decisão é tomada em coletividade e não é individual.

De modo que salientou Cabral (1984, p. 4 *apud* SEIDE, 2017, p. 19)

Entre os Balantas, no polo oposto, encontramos uma sociedade completamente desprovida de estratificação e onde só o conselho dos velhos da tabanca ou de conjunto de tabancas pode tomar decisões relativas a vida dessa sociedade. Para eles a terra e propriedade da aldeia, mas cada família recebe uma parcela necessária a sua subsistência; os meios, ou melhor, os instrumentos de produção pertencem quer a família quer ao indivíduo.

Nas sociedades verticais, o sistema hierárquico de divisão de poderes só privilegia e favorece um pequeno grupo detentor do poder. Segundo Drif (1990) a coletividade Brassa não tem classe ou ordens. A política é sempre apoiada na idade e gênero e não se encontra nada parecido com chefe ou rei de aldeia, pois, a tomada das medidas é coletiva neste grupo (SEIDE, 2017). Por outro lado, a etnia Balanta tem outras formas de organização política, em que muitas vezes os mais velhos não necessariamente precisam ou necessitam do processo de iniciação para poder tomar decisão, mas podem tomar decisão através da idade, ou melhor, têm autoridade através da sua idade para a tomada da qualquer decisão¹⁰.

Falando de gênero na etnia Balanta, por sua vez, não existe desigualdade de gênero e nem sistema brusco “machista”¹¹, do tipo: só os homens podem tomar

¹⁰ O leitor vai notar que neste parágrafo utilizamos a designação de “Brassa” e também de “Balanta”, pois a utilização do termo vai depender de autor para autor. É sobre estas designações e os significados que estão ligados aos nomes que este projeto irá tratar. Espera-se que ao final da pesquisa, futuramente, possamos passar a organizar a identidade a partir dessa consciência sobre os sentidos positivos e negativos que se atribuem a esse grupo étnico.

¹¹ Esse sistema pode ser pensado onde as mulheres não tem palavra, ou seja, que vivem ao comando do marido.

decisão de algo importante na comunidade. Esse comportamento não consta na hierarquia da etnia Balanta, mas sim igualdade para ambos gêneros em que todos participam e têm sua palavra. De modo como salientou Cabral (1984, p. 4 *apud* SEIDE, 2017, p. 22):

“a mulher participa na produção, mas é proprietária do que produz, o que lhe confere a uma situação privilegiada, pois a sua liberdade é efetiva”, essas características como podem ver, não se verifica em outras etnias como por exemplo os Fulas, “entre os fulas, a mulher não goza de nenhum direito social, participa na produção, mas não colhe os frutos. Por outro lado, a poligamia é uma instituição muito respeitada, sendo a mulher considerada de certa forma, como propriedade do marido”.

Como é uma etnia com sistema política horizontal a relevância da liberdade das mulheres na coletividade Balanta é diferenciada com as das outras etnias no país, em que o sistema de organização política tem mais força no que diz respeito às mulheres. Mas na etnia Balanta não necessariamente acontece isso, o sistema patriarcal não tem força como nas outras etnias¹². Como a maioria das etnias no país, o sistema familiar do povo *Brasa* é alargado, pois, os laços familiares para esse grupo étnico são muito importantes. Desse modo, encontra-se em uma aldeia (*tabanca*) os membros da mesma geração. A questão da familiaridade para a etnia Balanta é muito valorizada porque todos os indivíduos que fazem parte dessa *tabanca* têm grau de parentesco (SEIDE, 2017).

Mesmo se um balanta passe a viver num meio urbano ou afastado de seu meio de origem, ele referir-se á frequentemente aos seus modelos culturais não só como lembrança saudosa, mas sobretudo para conservar a sua identidade étnica que lhe tinha sido reconhecida depois de ter completado os rituais da iniciação (CAMMILLERI, 2010, p. 99).

Nesse contexto, mesmo tendo completado os rituais de iniciação, um jovem do gênero masculino ou feminino, ao sair do interior e residir na capital, tem de respeitar e voltar para seu meio de origem não só para ter lembranças, mas sim para frequentar suas matrizes culturais e ainda preservar sua identidade étnica.

Para Seide (2017), a organização das moradias nas coletividades Balanta nas suas *tabancas* é localizada de uma forma organizada para poder controlar membros das suas comunidades, pois, esse povo coloca suas casas em círculos que formam uma *tabanca*. No caso “aldeia”, por outras palavras, é chamado por conjunto de

¹² Estas afirmações são propostas a partir de uma perspectiva de autores masculinos. Pesquisas futuras feitas por mulheres poderão trazer novos elementos para uma maior compreensão das formas de organização política dessa coletividade étnica, o que ainda está por fazer. Em especial, um estudo etnográfico permitirá descrever essas formas organizacionais e a participação de cada integrante a partir de marcadores de gênero e idade, que pela literatura consultada são os principais dentro da sociedade Brassa/Balanta.

moranças, o que é diferente de *tabanca*. Como frisou Intipi (2017), *tabanca* é muitas vezes a junção das *moranças* por diferentes famílias que vivem em um determinado lugar ou região, enquanto que a *morança* por sua vez, é junção das casas dos familiares em forma de círculo, pois, os que residem lá são da mesma família paterna ou dos seus avós.

Dentro da organização social do grupo étnico BALANTA, cada *tabanca* tem seus anciãos (um homem velho que já passou pelo processo de iniciação conhecido como *fanado* (circuncisão), vale ressaltar que nem todos que passaram por esse processo têm o mesmo direito no conselho de anciãos, isto é, depende também da idade do indivíduo e ano que já o que já passou após o processo. (SEIDE, 2017, p. 24).

Aprofundando sobre isso, na cultura Balanta toda *tabanca* tem seus anciões, no caso, aquele que já passou pela cerimônia de *fanado* (circuncisão), mas não significa que todos que passaram por este ritual (FÓ)¹³ podem fazer parte de conselho dos mais velhos. Isso depende da sua idade e do tempo que passou por esta cerimônia. Além disso, a idade também conta nesse procedimento em que não necessariamente pode passar por ritual da circuncisão, mas pela sua idade pode ser escolhido como ancião da sua *morança*.

2. PROBLEMÁTICA

O nosso projeto de pesquisa aborda a questão do estigma presente na identidade étnica Balanta (Guiné-Bissau). Assim, o que leva a se sentir e perceber um constrangimento/vergonha em revelar sua identidade étnica, Balanta?

- De que maneira o impacto por trás do constrangimento surge através do indivíduo, com uma opinião negativa sobre outra pessoa, generalizando todo grupo étnico?
- Seria a vergonha ou medo aparece por motivos de que a etnia Balanta é vista como a etnia que mais rouba no país?
- O motivo por trás do constrangimento surge no que tange ao medo de expressar perante a sociedade por causa do sotaque linguístico? Esta percepção é compartilhada por todos os Balanta? Isso estaria ligado a uma inferiorização pelo fato de não saberem falar bem o português/crioulo?
- Há vergonha de se identificar por ter nome/sobrenome étnico da sua própria etnia? A atribuição de nomes e sobrenomes étnicos na etnia

¹³ Fanado (*circuncisão*)

Balanta as vezes, tem consequências na negação da sua própria identidade étnica, por motivo da vergonha do nome étnico?

3. JUSTIFICATIVA

As questões abordadas surgem pela minha vivência e como membro dessa etnia Balanta – como já tinha escrito logo no início da apresentação deste projeto. Muitas vezes vivenciei essa experiência sem saber o que a provocava. Essas situações despertaram muito minha atenção (como os exemplos colocados logo no começo da introdução). Além disso, essa temática tem uma importância a ser discutida na sociedade guineense, não só na etnia Balanta, mas também em outras etnias que compõem as relações interétnicas da Guiné-Bissau. O trabalho é de grande relevância socialmente, porque vai ajudar a entender a importância de um grupo étnico para aquelas pessoas, e também como uma preocupação para os políticos e possíveis políticas públicas, que ajudariam ou auxiliariam os indivíduos a entender a grande importância dos grupos étnicos para a identidade nacional. Nesse sentido, as políticas públicas trabalhariam para a aceitação das etnias e suas diferenças e auxiliariam a criar caminhos de representação étnica no contexto da construção da identidade nacional guineense. Ou seja, políticas para as escolas, para os funcionários de Estado e para outros espaços significativos da sociedade de modo a evitar a estigmatização de pessoas diferenciadas por suas pertencas étnicas. Como o presente projeto de pesquisa ainda em andamento espera-se que futuramente, através desse diálogo, possa ajudar na resolução desses fenômenos e auxiliar essas pessoas a não ficar com medo de se identificar, assumindo a sua própria identidade étnica sem importar com o tipo de nome/sobrenome étnico que têm ou o sotaque que a sua língua expressa.

4. HIPÓTESE

Existe uma visão sobre etnia Balanta que vem sendo construída como verdade (já foi colocada no início da introdução) que ocasiona usos de termos e representações sobre os Balanta/Brassá, resultando em constrangimento, medo, vergonha de revelar sua identidade étnica.

A generalização étnica na sociedade guineense é uma das grandes dificuldades que as populações têm que enfrentar, sobre tudo, a generalização do

todo grupo étnico. Muitas pessoas acabam por generalizar todo grupo étnico a partir do ato de um só indivíduo. Por exemplo, pude dizer que a maioria das pessoas generalizam o ato do furto de uma pessoa na etnia Balanta e o expandem como se fosse um ato comum a todo o grupo étnico. Isso porque a maioria entende que a cultura da etnia Balanta é "roubar dos outros". Mas por outro lado, a etnia Balanta na Guiné-Bissau possui diferentes ramos. Será que todos esses ramos têm "ações de furto"? Entende-se que há muitas óticas sobre a etnia Balanta que não necessariamente podem ser verdade e que causam estigmas no que se refere à identidade étnica de certos indivíduos.

5. OBJETIVO GERAL

Analisar o motivo que deixa as pessoas com vergonha de mostrar sua própria identidade étnica Balanta por meio de um estudo sobre as relações históricas e atuais entre os grupos étnicos na Guiné-Bissau e as representações/denominações envolvidas no estigma.

5.1. Objetivos Específicos

- Buscar compreender o porquê do estigma no que se refere a identidade étnica na coletividade brassa;
- Ouvir as opiniões das pessoas no que diz respeito à vergonha, o que permitirá mapear situações em que a experiência de constrangimento é sentida e as representações a ela ligadas.
- Conhecer a importância da atribuição dos nomes e sobrenome étnicos na etnia Balanta em termos históricos e na atualidade, dentro das relações entre grupos étnicos;

6. REFERENCIAL TEÓRICO

6.1. Conceito da etnia (identidade étnica)

De acordo com Barth (1998) a definição da identidade étnica pode ser percebida com a perspectiva antropológica, como uma sociedade que partilha seus valores étnicos principais e que se realiza em torno dos conhecimentos culturais expressões nas relações entre grupos. Ou seja, "possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como [...] do mesmo tipo" (BARTH,1998, p.

190). Neste mesmo caminho, Amselle (2014) percebe que uma etnia pode ter ligações com várias etnias ou nações, da forma como praticam suas culturas, e uma etnia não estabelece uma cultura muito menos uma sociedade, mas sim, trata dos entendimentos entre várias culturas. Com essas definições, um grupo étnico ou etnia, pode ser concebido como conjunto de pessoas que se identificam reciprocamente com base nos saberes ancestrais, no que diz respeito à linguagem, história, sociedade, cultura ou ação em que estão ligados, ou seja, um grupo étnico é composto por indivíduos que interagem entre si e também com outros grupos étnicos com quem se relacionam.

Por outro lado, ressaltou Cuche (2002) que, a identidade social pode ser compreendida como “inclusão e exclusão”. Essa identidade pode identificar um determinado grupo com membros que se identificam (idênticos) e também pode diferenciar outros grupos em que os membros são diferentes. Do mesmo modo, Poutignat (1998) entende a etnicidade como meio constante da divisão entre membros e indivíduos que não pertencem a um grupo determinado querendo ser vistos ou aprovados dentro da interação social. De outra forma, os indivíduos se sentem constrangidos no que se refere à questão linguística “sotaque”, nomes e sobrenomes étnicos, etc. A vergonha pode causar o distanciamento deles na interação social, ou seja, isso está próximo do que se entende por estigma e que veremos adiante.

Sob outra perspectiva, pode-se dizer que o universo étnico de certa forma tem ligações em diversas linhagens, tanto no ocidente assim como no oriente. Nesta mesma perspectiva, Jean-Loup Amselle (2014, p. 28) frisou que:

O universo étnico é composto por um mosaico [...] de linhagens. Existe um parentesco profundo entre etnia e linhagem ou clã, geralmente escorado num vocabulário familiar, e inclusivamente num mito de origem que estabelece a descendência comum dos membros do grupo a partir de um casal primevo ou de um herói mítico.

A citação mostra que no mundo da etnicidade há uma ligação nas linguagens faladas por diferentes etnias, e isso não acontece só nos séculos atuais, como aconteceu também há muitos séculos passados com nossos ancestrais. Podemos trazer exemplos disso para os dias atuais nas sociedades guineenses, com etnia “Fula e Mandiingas” compreendem uns aos outros nas suas linguagens materna, assim como a etnia “Mancanha e Mandjaco”, também compreendem uns aos outros nas suas línguas maternas. Por outro lado, Poutignat (1998) mostra a sua relevância como forma da civilidade/urbanidade humana junto do fato de que o parentesco na forma

de apoio/ajuda étnica confirma de certa forma a vantagem exclusiva daqueles que praticam ou não os sentimentos étnicos. Ou seja, os comportamentos dos que testemunham uma proximidade, fixam-se como forma de beneficiar seus próximos em prejuízos dos estranhos. De modo que Cuche (2002, p. 182), afirma que:

A identidade é uma construção que se elabora em uma relação que opõe um grupo aos outros grupos com os quais está em contato. Uma cultura particular não produz por si só uma identidade diferenciada: esta identidade resulta unicamente das interações os grupos e os procedimentos de diferenciação que eles utilizam em suas relações.

De certo modo, a relação social aproxima o indivíduo da sua própria cultura, e não só, assim como vivências com outros grupos ao redor. De modo que salientou Geertz (1963) citado por Poutignat (1998), os tipos de relações primordiais não nascem de uma relação natural mas sim de uma proximidade social, ou seja, essas ligações se baseiam na vivência social, união, religião, língua, a competência local ou costume. Ou seja, aquilo que parece natural pela sua identificação (modos de falar, modos de se comportar etc) é cultural e não biológico.

Ainda sobre a questão da relação entre etnias, na sociedade guineense pode ser entendido o conceito da identidade como forma de produzir uma coletividade através da relação entre os grupos étnicos, por isso, um grupo isolado não produz muito conhecimento em si só. Do mesmo modo, colocou Cuche, “não há identidade em si, nem mesmo unicamente para si. A identidade existe sempre em relação a uma outra. Ou seja, identidade e alteridade são ligados e estão em uma relação dialética” (CUCHE, 2002, p. 183). Da outra forma, “entre todas as identidades que o indivíduo pode ter, a identidade étnica é a que responde de modo mais completo a essas necessidades, porque o grupo étnico representa por excelência o “refúgio” de onde não podemos ser rejeitados e onde jamais estamos sós” (POUTIGNAT, 1998, p. 90). Por outro lado, frisou Silva (2022) que qualquer uso inconveniente do termo étnico, pode transformar em conflito na sociedade e ainda pode fazer com que os indivíduos permaneçam com mágoas no convívio entre eles.

Com isso, Cuche (2002) qualquer vivência fruto de uma violência coletivamente sofrida pode levar os indivíduos desse grupo a se sentirem vítimas da diferenciação ou melhor da discriminação do sentimento que vincula o indivíduo com a sociedade. “Quanto maior for necessidade da solidariedade de todos na luta pelo reconhecimento, maior será a identificação com a coletividade” (CUCHE, 2002, p. 191).

De acordo com Mercier [1951, p. 65], citado por Amselle (2014) percebe-se que a etnia se organiza em um grupo determinado e tem ligação ao antepassado comum. Por outro lado, “apresenta uma mesma origem, goza de uma cultura homogênea e fala uma língua comum, constituindo também uma unidade política” (AMSELLE, 2014, p. 28). Poutignat (1998) ressaltou que a etnicidade pode ser vista como um sistema cultural que permite aos indivíduos se situarem em seu espaço, em uma ordem social. De certa forma, a etnia basicamente é uma conjuntura recebida/acumulada na sociedade em que vive. Para Silva (2022) visto que na Guiné-Bissau as populações são diferenciadas no que tange à religião e etnias, mas todos eles são semelhantes no que diz respeito a mistura no território nacional, e essa mistura se fortifica e consolida ainda mais com os casamentos das diferentes etnias no país¹⁴. Tal perspectiva permite fundir-se um empreendimento comparativo, não do tipos de agrupamentos étnicos, mas do tipo de organização social das diferenças culturais (POUTIGNAT, 1998; BARTH, 1998). Na sociedade guineense, a interação dos grupos étnicos é de extrema relevância porque ajuda a fortalecer não só a identidade, mas também o quanto a cultura é importante no país. De modo que salientou Silva (2022, p.22):

a diversidade étnica, na sociedade guineense, possui uma ampla variedade linguística. Uma vez que as variedades das línguas também se encontram no mesmo grupo étnico de setores diferentes. Como, por exemplo, dentro da etnia manjaco, cuja denominação é comum, mas a cultura e pronúncia linguística diferem-se uma das outras; o mesmo acontece em outras etnias.

Em outras palavras, a união das diferenças étnicas na Guiné-Bissau tem uma enorme diversidade linguística, por isso, encontra-se os mesmos grupos étnicos em lugares diferentes com sua forma de falar a própria língua da forma diferente por motivo da variação linguísticas, e isso acontece com todos os grupos étnicos no país. Exemplo disso, a etnia Balanta é uma delas: possui indivíduos falando *brassá* com diferenças na forma como falam.

6.2. Estigmas e traumas

O processo da colonização/assimilação ainda permanece na Guiné-Bissau. O motivo do constrangimento de expor sua identidade étnica, incluindo nomes e

¹⁴ Isso quer dizer que, mesmo com as diferenças nas diversidades étnicas/religiosas as populações se consideram guineense e fortalece ainda mais com as misturas nos casamentos étnicos e religiosos.

sobrenomes na etnia Balanta na sociedade guineense, pode ser entendido como colocou Luís Tomás Domingos como “estigmas e traumas” e que “ainda há presenças de sequelas caracterizado pelos traumas e estigmas das sociedades que estiveram envolvidas com a escravidão e o colonialismo” (DOMINGOS, 2017, p. 192).

De modo como salientou Cá (2000), o regime de assimilação demonstrava que como os portugueses não conseguiram acabar com a resistência dos povos dominados, eles optaram a tentar desconstruir profundamente a cultura dos povos africanos. Por isso, Cá frisou que, “a cultura dos povos africanos foi profundamente afetada pelo impacto do colonialismo português” (CÁ, 2000, p. 6). Cá (2000) ressaltou que, com autoridade do colonialismo na Guiné-Bissau, os portugueses com seus modelos cristãos procuravam entrar por meio da igreja para poder assimilar as pessoas dessa sociedade, e para que houvesse uma identidade na época era necessário saber falar língua deles e ainda saber se comportar como eles. Assim você se tornaria um “civilizado”. Por isso, a língua nacional/étnica era proibida até nas escolas e as culturas dos povos guineenses eram consideradas atrasadas.

Nessa mesma ideia sobre o contexto linguístico da assimilação na sociedade guineense encontram-se pessoas que saíam do interior para estudar na capital com enorme dificuldade de se adaptar por motivo da discriminação no que tange “não sabem falar bem o crioulo e português”. Pois, na capital as escolas públicas/privadas ainda vivenciam o processo da assimilação, que é proibido o uso da língua “materna e crioula”.

Por essa razão, dizia Nelson Mandela, colocado por Domingos (2017, p. 192) “Quando eu sai em direção ao portão que me levaria à liberdade, sabia que, se não deixasse minha amargura e meu ódio para trás, ainda estaria na prisão”. Apesar disso, esses princípios ainda continuam nas sociedades colonizadas, por isso, é preciso “analisar o processo de descolonização unicamente da perspectiva do colonizador relegando o papel dos colonizados”. (FURTADO, 1998, P. 203)

De outro modo, a colonização não acaba só nas violências físicas, mas sim incorpora mentalmente, culturalmente, etnicamente, nas identidades constrangidas/negadas na sociedade africana. Como colocou Domingos “o colonizador e escravocrata procurou destruir esses conceitos de *estar e ser* humano no mundo Africano. E partindo de “*tabla raza*” deu-lhe outra identidade, negro e

escravo num contexto de processo de violência extrema (física, psicológica, espiritual, simbólica, etc.)” (DOMINGOS, 2017, p. 191)¹⁵.

Com isso, pôde-se dizer que o preconceito linguístico é um dos frutos deixados pela colonização na sociedade guineense, assim como discriminação racial e entre outras, pois, tem pessoas que se coloca superior a outra, e eles nem queria compartilhado o mesmo espaço que outros e esse afastamento dentro da sociedade pode causar nesses indivíduos no que diz respeito ao medo/vergonha de interagir perante a coletividade, assim como de se identificar. Como salientou Cuche (2002), as pessoas e os grupos são cada vez menos livres de se identificar ou definir suas próprias identidades. Nesta mesma ótica, ele entente que a identidade negativa pode ser compreendida como uma identidade constrangida e recusada em maior ou menos partes dos indivíduos, isso pode levar a pessoa a uma tentativa de acabar ou eliminar sua identidade étnica ou próprio.

Falando nisso, na etnia Balanta os pais/avós não dão nome por seus filhos/netos só pra dar. Todo nome na etnia Balanta tem seu significado, e isso é uma “CIVILIZAÇÃO” local, para não perder suas identidades e saberes tradicionais deixados por suas ancestralidades e para permanecer sua identidade étnica. Por isso, “a tradição é resultado de um diálogo com a natureza, com os lugares, ao longo dos tempos” (DOMINGOS, 2017, p. 195). Percebe-se que a colocação dos nomes na etnia Balanta tem sua relevância e seu valor e significado para essa família, obviamente que o seu significado, de certa forma comunica algo muito importante para essa família ou *morança*.

6.3. Relevância de atribuição dos nomes ou sobrenomes étnicos na etnia Balanta

Percebe-se que uma identidade própria é o que identifica uma pessoa, ou seja, reconhecimento de si próprio como ser humano, no que se refere nome próprio, sexo, data de nascimento, filiação, etc. Do mesmo modo, colocou Poutignat (1998) quando nasce um indivíduo e adquire os elementos das peças que compõem sua identidade étnica como: física, nome, filiação tribal ou religiosa, de certa forma estes elementos ligam o indivíduo com transmitida de geração pós geração. Na etnia

¹⁵ As influencia da colonização na construção dos estigmas é um tema que será desenvolvido ao longo deste projeto, já que é de suma importância compreender de que forma a colonização produziu categorias que definiram os grupos e modos de controle que os separaram.

Balanta, quando nasce uma criança os pais colocam ao seu filho um nome étnico tanto no interior como na capital do país. Mesmo colocando o nome social¹⁶, mas vai ter nome étnico que lhe identifica como membro da etnia. De modo que colocou Cammilere (2010) os *brassas* colocam nome ao seu filho nas primeiras semanas ou no mês do nascimento da criança, e no decorrer desses dias, as famílias próximas a eles pode sugerir um nome étnico para criança. Mas depois de tudo os pais decidem que nome vão colocar a criança. Por outro lado, os nomes étnicos são colocados de acordo com um acontecimento que marcou a família da criança, como colocou Suma (2018): “constatamos então três aspectos principais que justificam atribuição e significado dos nomes às pessoas neste grupo étnico: Tempo, Espaço e Circunstância, ou seja, os nomes serão atribuídos de acordo com os acontecimentos e seus respectivos significados” (SUMA 2018, p.19). Como vimos, esses três acontecimentos podem influenciar no momento da atribuição dos nomes étnicos como por exemplo: **Wintem**¹⁷ (*ké kun téne*) é o nome étnico na etnia Balanta. Isso de certa forma pode ser entendido como algo que chamou atenção dessa família ao ponto de atribuir o nome a essa pessoa; **Binate**¹⁸ (*Bó bim*) que significa, mesmo com coisas ruim ou bom a família da criança não vai ter medo de enfrentar; **Pansau**¹⁹ (*Morança kaba*) que pode ser entendido como desaparecimento de uma geração na comunidade; **Clode**²⁰ (*mortu*) que simboliza a época que muitas pessoas dessa comunidade ou parentes morreram; **Wiltik**²¹ (*tempu tem*) que demonstra ainda há tempo de concertar qualquer que seja coisa; **Windjaba**²² (*ke kun n'fasi elis*) que pode ser compreendido como algo perturbador para essa família; **Senkéia**²³ (*purbulema ka tem*) simboliza que naquela família ou comunidade não tem confusão, ou seja, pode ter outra interpretação dependendo do acontecimento; **Alitidi**²⁴ (*Na bu kabeça*) isso pode ser entendido como indireta a outra pessoa dentro da comunidade ou família; etc. Então como vimos todos os nomes citados em cima tem sua relevância na sociedade Balanta, e isso identifica o indivíduo não só por seu nome próprio, mas

¹⁶ Modernos, ou seja, nome civilizado.

¹⁷ O que eu tenho.

¹⁸ Podes vir.

¹⁹ Morança acabou.

²⁰ Morte.

²¹ Ainda há tempo.

²² O que eu fiz pra eles.

²³ Não há problema.

²⁴ Na sua cabeça.

também o significado que o próprio nome tem para a comunidade e familiares ao redor.

7. METODOLOGIA

Para elaboração do presente trabalho o método usado é de abordagem qualitativa. Partimos da ideia de Dalfovo *et all* (2008) frisando que a pesquisa qualitativa é a que opera principalmente com dados qualitativos, em que o material coletado por pesquisador não se fala de números, mas sim ele se retrata de um papel menor na análise. Enquanto que Minayo (1994) ressaltou que a pesquisa qualitativa debate as questões específicas e se concentra nas ciências sociais de uma forma que não pode ser avaliado/calculado. O projeto se iniciará com revisão bibliográfica sobre o conceito de estigma e trauma, procurando uma atualização das ideias sobre essa temática. Para o fundamento da revisão bibliográfica, temos como base Fonseca (2002) ao mostrar que a pesquisa bibliográfica é feita por levantamento das referências teóricas, pois qualquer que seja trabalho científico começa com uma pesquisa bibliográfica e isso auxilia e faz com que o pesquisador mergulhe ainda mais no conhecimento em seu assunto a ser pesquisado. E ainda colocou Sousa:

A pesquisa bibliográfica é o levantamento ou revisão de obras publicadas sobre a teoria que irá direcionar o trabalho científico o que necessita uma dedicação, estudo e análise pelo pesquisador que irá executar o trabalho científico e tem como objetivo reunir e analisar textos publicados, para apoiar o trabalho científico. (SOUSA *et all*, 2021, p. 66)

Através disso podemos afirmar que a pesquisa bibliográfica refere-se a informações resgatadas em outros livros, artigos, etc. publicados e essas informações auxiliam os pesquisadores a uma boa produção científica.

Vamos também utilizar uma proposta de entrevista semiestruturada para uma primeira aproximação ao campo, que de acordo com Minayo (2014, p. 267) que informa que a entrevista semiestruturada “difere apenas em grau da não estruturada, porque na verdade nenhuma interação, para finalidade da pesquisa, se coloca de forma totalmente aberta ou totalmente fechada”. Isso mostra que no decorrer da entrevista, o pesquisador pode montar seu roteiro das perguntas, mas dependendo de como a entrevista está sendo realizada com o entrevistado, o pesquisador pode manter a liberdade de trazer outras questões no percorrer da conversa. A nossa pesquisa futura acontecerá com uma aproximação a dois ramos da etnia Balanta que

são os Kuntoe e os Nhacra, a partir de estudantes desta etnia na Unilab. Com o avanço do projeto teremos a capital do país Guiné-Bissau como centro da atenção da pesquisa, em que a coleta de dados se concentrará em certos números dos grupos de jovens e também certos números dos adultos que fazem parte desta etnia.

A partir desses dois momentos de pesquisa, será possível um estudo etnográfico que permita uma imersão maior no campo e a percepção de como os sujeitos da pesquisa se percebem a partir de suas relações étnicas (suas falas e suas relações). Consideramos ainda relevante perceber a metodologia a partir da tradição oral e o método interdisciplinar (BÂ, 2010); (KI-ZERBO, 1980).

8. REFERÊNCIAS

AMSELLE, Jean-Loup e M'BOKOLO Elikia (coordenadores). **Etnia, Tribalismo e Estado em África**. Angola 2014.

AMSELLE, Jean-Loup. **Etnias e Espaços: Para Uma Antropologia Topológica. Belos Meandros Da Etnia**. p. 23-54. Angola 2014

BÂ, Hampaté A. **A tradição viva**. In: História Geral da África I. Metodologia e pré-história da África. Editado por Joseph Ki-Zerbo. 2ª ed. rev. - Brasília: UNESCO, 2010.

BARTH, Frederik. "Grupos étnicos e suas fronteiras" In: POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

Cá, LOURENÇO Ocuni. **A educação durante a colonização portuguesa na Guiné-Bissau (1471-1973)**. ETD – Educação Temática Digital, nº, v.1, 2000, p. 51–69. <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/561>

CAMILLERI, Salvatore. **Identidade cultural do povo Balanta**. Trad. Lino Bacari & Maria Fernanda Damâso, ed. Colibri & ed. FASPBI, Portugal-Lisboa nov. 2010.

CUCHE, Denys. **A Noção De Cultura Nas Ciências Sociais**, tradução de Viviane Ribeiro, 2.ed. – Bauru EDUSC, 2002

DALFOVO, Michael Samir; LANA, Rogério Adilson; SILVEIRA, Amélia. **Métodos quantitativos e qualitativos: um resgate teórico**. Revista Interdisciplinar Científica Aplicada, Blumenau, v.2, n.4, p.01-13, Sem II. 2008

DOMINGOS, Luís Tomas. **Entre estigmas e traumas de violência de colonização e escravidão: afirmação de identidade afro descendência Identidade!** : São Leopoldo, v. 22 n. 2 p. 190-208, jul. Dez. 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FURTADO, Claudio, **Democracia em África: Possibilidades e Limites**. Revista do centro dos Estudos africanos: São Paulo, 1998.

GOMES, Maria Cristina; OLIVEIRA, Andreza A. de; ALCARÁ, A. Rosecler. **ENTREVISTA: UM RELATO DE APLICAÇÃO DA TÉCNICA**. Londrina – PR. VI 3 a 5 de agosto de 2016

INTIPE, Bernardo Alexandre. **Guiné-Bissau: Um Pouco da Cultura Balanta**. Por dentro da Africa, publicado em: 13 de janeiro de 2017. Disponível em: <http://www.pordentrodaafrica.com/cultura/guine-bissau-um-pouco-da-cultura-balanta> Acesso: 27.dez. 22

KI-ZERBO, J. **O método interdisciplinar** In: Ki-Zerbo. J. História geral da África I: metodologia e Pré-história. São Paulo: Ática/UNESCO, 1980.

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **O DESAFIO DO CONHECIMENTO pesquisa qualitativa em saúde**. Décima quarta edição. HUCITEC ed. São Paulo 2014

MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. 21º Ed. Rio de Janeiro, edit. Vozes, 1994

POUTIGNAT, Philippe. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

SEIDE, Seco Braima. **ORGANIZAÇÃO SOCIAL, POLÍTICA E CULTURAL DA ETNIABALANTA**. São Francisco Do Conde 2017

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos Balanta: usos, costumes e rituais**. 2015. 68 f. TCC (Graduação) - Curso de Bacharelado em Humanidades, Instituto de Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, Redenção-CE, 2015.

SILVA, Domingas Da. **O Tabu E O Visível: Tribalismo E Política Na Eleição De 2019-2020 Em Guiné-Bissau**. Redenção 2022

SOUSA, A. S.; OLIVEIRA, S. O.; ALVES, L. H. **A PESQUISA BIBLIOGRÁFICA: PRINCÍPIOS E FUNDAMENTOS**. Cadernos da Fucamp, v.20, n.43, p.64-83/2021

SUMA, Nando Paulo. **Usos e Costumes do Grupo Etnolinguístico Brassa-Balanta: Processos de Atribuição dos Nomes e Seus Significados**. (TCC) Bacharelado em Humanidades. São Francisco de Conde, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira. 2018.